



## Fogo Morto

*José Lins do Rego*

Download now

Read Online →

# Fogo Morto

*José Lins do Rego*

## **Fogo Morto** José Lins do Rego

Publicado em 1943, Fogo Morto é a última obra do mais expressivo dos ciclos de José Lins do Rego: o da cana-de-açúcar. Apesar de marcar o término da série, com a decadência dos senhores de engenho, o romance também assinala seu auge, seu momento de superação, constituindo uma obra-prima da literatura regionalista, de caráter neo-realista. "Descendente de senhores de engenho, o romancista soube fundir numa linguagem de forte e poética oralidade as recordações da infância e da adolescência com o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais de homens e mulheres que representam a gama étnica e social da região", descreve o crítico literário Alfredo Bosi, em História Concisa da Literatura Brasileira.

O romance, narrado em terceira pessoa, é dividido em três partes. Cada uma conta com seu próprio protagonista, como se fossem três histórias distintas e sucessivas. No entanto, os personagens principais (mestre José Amaro, Coronel Lula de Holanda e o Capitão Vitorino) se inter-relacionam durante toda a narrativa, quase inteiramente ambientada no Engenho de Santa Fé. Na primeira parte, o mestre José Amaro - seleiro orgulhoso e conservador - espalha rancor à sua volta. Temido pelo povo da várzea por sua aparência horrível e pela raiva acumulada, ele surra a filha histérica com o intuito de curá-la (mas acaba por enlouquecê-la) e maltrata a esposa (que por fim foge com a menina). Na segunda parte do romance, o coronel Lula de Holanda, também orgulhoso, não consegue fazer prosperar o engenho que recebera de herança. Autoritário, não permite que nenhum homem se aproxime da filha, que permanece solteirona e melancólica. Depois de sofrer um ataque de epilepsia na igreja, torna-se devoto. Gasta todo o dinheiro que lhe restou. Por fim leva o engenho a fogo morto (propriedade que não produz mais). Na terceira e última parte, o capitão Vitorino, personagem quixotesco, idealista e sonhador, procura lutar por seus ideais. Os três, conforme atesta Bosi, "são expressões maduras dos conflitos humanos de um Nordeste decadente".

## **Fogo Morto Details**

Date : Published 1991 by José Olympio (first published 1943)

ISBN : 9788503003391

Author : José Lins do Rego

Format : Paperback 403 pages

Genre : Classics, Cultural, Brazil, Romance

 [Download Fogo Morto ...pdf](#)

 [Read Online Fogo Morto ...pdf](#)

**Download and Read Free Online Fogo Morto José Lins do Rego**

---

## From Reader Review Fogo Morto for online ebook

### Gláucia Renata says

Um dos principais livros de nossa literatura, trata do ciclo da cana de açúcar, sua formação, ascensão e declínio. Um livro triste que traz um dos personagens inesquecíveis da literatura brasileira, o capitão Vitorino Carneiro, que pela sua triste figura costuma ser comparado a Dom Quixote.

---

### Carolina Morales says

A descrição desta obra está toda contida no título - ler o romance é fogo e, ao final, você estará morto.

---

### Maite says

O livro é dividido em três partes, narrando a vida de três personagens que se entrelaçam constantemente, José, Lula e Vitorino, que representam essa época e essa terra. É uma obra prima difícil de explicar mas que prende o leitor a cada página.

---

### Lucas says

Livro incrível, uma união maravilhosa da tradição popular e da literatura. personagens inesquecíveis, muito humanos e sensíveis, uma verdadeira obra-prima!

---

### João Diniz says

Capitão Vitorino vale pelo livro todo. Ele é um dos personagens mais marcantes e mais bem construídos que já li.

---

### Lucas Paes Leme says

dei a sorte de ler esse livro por acaso (não conhecia a historia) durante o período eleitoral de 2018. é um livro esclarecedor sobre os vetores perenes da política nacional, as forças, os lados e as pessoas fortes como o mestre José Amaro, que se posicionam mesmo diante de ameaças e sanções. livro essencial para entender arquétipos políticos e familiares do Brasil.

---

### Felipe Moreira says

Uma aula de história. José Lins do Rego nos mostra, com muita genialidade, como as mudanças políticas

---

ocorridas no século XIX no Brasil reverberaram na vida das pessoas do interior. O autor cita cangaceiros, decadentes senhores de engenhos, escravos antes e depois da abolição, as tropas do governo brasileiro e sua impiedosa/violenta jornada pela legitimação da recém formada república. Ótima leitura.

---

### **Kathe L says**

Demorei duas semanas para terminar a primeira parte, quatro dias pra segunda, e um pra terceira. Ou seja, esse livro vai melhorando enquanto você vai lendo e tem um final muito bom.

---

### **Book Funk says**

Excelente romance.

Os três personagens foco são muito bons. José de Amaro conquistou-me desde a primeira página, e a sua amargura me tocou bastante. Lula de Holanda foi muito bem trabalhado, embora mais difícil de simpatizar. Vitorino Carneiro da Cunha cresceu em mim com o decorrer da história (o que aconteceu com os personagens do próprio romance, ao que me parece), e posso dizer que acredito nele. Vitorino parece trazer valores tradicionais de honra (a sua coragem, e o seu orgulho pela sua nobreza pessoal, por ser homem branco e de boa origem), que não necessita de riqueza ou dotes intelectuais. A ele basta incorporar a valentia e a nobreza de agir.

A situação toda é cheia de sofrimento, mas consigo sentir uma certa beleza no romance. O estilo de José Lins do Rego é bastante atraente, diria lírico. PS: José Passarinho é dos meus favoritos do livro.

---

### **Valdir Duarte souza says**

Fogo Morto é a obra prima de José Lins do Rego, e também a última obra-prima do regionalismo neo-realista da década de 1930. Boa parte da obra do autor é dividida em "ciclos" e Fogo Morto é o quinto e último livro do "ciclo da cana de açúcar". O seu estilo contido e direto lembra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, que assim como Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala) foram amigos pessoais do autor.

O estilo de escrita simples, livre das convenções gramaticais (sem procurar "escrever errado" para parecer mais coloquial) parece fiel à maneira de falar dos moradores do sertão (que me recorda minha avó rs), e faz com que você se sinta no ambiente da narrativa, como um morador da várzea que passa e pára pra ouvir um vizinho contando um "causo".

Este livro narra a decadência dos senhores de engenho de açúcar no início do século XX, e é dividido em três partes, cada uma com um protagonista, nas figuras do mestre José Amaro, do coronel Lula e por fim do capitão Vitorino. A partir de então são mostradas as diversas interações entre os personagens da narrativa, além de servir como crítica social e retrato das relações de poder neste período.

Sem querer revelar spoilers, somente no final da obra se percebe o quão apropriado é o seu título. Boa leitura!

---

### **Felipe Oquendo says**

O livro é um primor – é bom começar pelo óbvio. Prende tanto, é tão interessante, que eu me peguei lendo andando e quase me acidentei, de tão absorvente. Contando a mesma história, a narrativa perpassa três

núcleos, três sóis que são o mestre José Amaro, o capitão Lula de Hollanda e o capitão Vitorino.

O primeiro é um sol de caatinga, ríspido, amargo. Consumido por uma doença degenerativa do corpo e irritante da alma, o pobre mestre não deixa de ser uma criatura fascinante. Dos três irmãos, foi o único que continuou com a casa que o seu assassino pai ganhou do velho Capitão Tomás. Enquanto seus irmãos seguiram viagem, puseram o pé no mundo, o pobre José Amaro ficou na guarda da casa, no conforto da casa. Casou por inércia e teve uma filha demente, espinho que incomoda seu coração e do qual o quanto mais tenta se livrar, mais lhe encrava o peito.

É um personagem abaixo da situação, claramente. Ainda assim, tem algum senso de dignidade e honra, sabe o valor que o trabalho do homem livre tem. Embora o seu constante reme-reme “Eu sou dono de mim”, “José Amaro não abaixa a cabeça a ninguém” seja uma caricatura da verdadeira honra e altivez, ao menos ele ainda tem essa noção, coisa que muitos de nós não têm, sempre dispostos que estamos a nos submeter à mais nova autoridade e chefia.

A história toda do lobisomem é de dar dó, de verdade. É mais um caso de como a maldade popular, de responsabilidade diluída e difusa, pode destruir a vida de um homem. Seu fim trágico é o rebento do fio que vinha sendo repuxado entre o respeito humano e o caminho da liberdade que não ousou trilhar.

Já Lula de Hollanda é um personagem certamente menos cativante, e também abaixo da situação. Uma personalidade complexa, mais complexa que a dos outros; alguém que nutre uma grande e, até certo ponto, sincera piedade religiosa (v. o momento em que, na tribulação, lembra dos sofrimentos de N. S. J. C.). No entanto, é incapaz, como bem nota a argúcia popular, de perceber que seus atos contrariam o evangelho que pretende seguir. E não se pode deixar de notar um certo ar pagão ao seu approach religioso.

É um deslocado. Talvez posto numa situação favorável de bacharel ou até mesmo de padre, as circunstâncias fizessem sair dali uma personalidade verdadeiramente grande. Ele percebe que tem na alma a potência da grandeza, mas não sabe como liberar o caminho para que ela se realize. Acaba, assim, negando a grandeza a todos ao seu redor, em especial a esse personagem silencioso e ubíquo que é o engenho Santa Fé.

Capitão Vitorino da Cunha é um personagem acima da situação (uma raridade no romance brasileiro). É visto como louco desprovido de reais meios de ação, pois não tem medo de nada e, especialmente, não tem o respeito humano (como concebido pela moral católica), o amor do mundo. A glória que deseja é um acessório paliativo de seu amor pelos outros, de sua sincera e ardente caridade. A grosseria de que é representante é aquela rudez que emana da tenacidade das boas fibras, das fibras morais de qualidade. Sua esposa Adriana, outra personagem de impressionante firmeza moral, só consegue perceber a grandeza de seu esposo quando as circunstâncias permitem que ele demonstre todo o seu potencial.

É interessante notar que o Capitão Vitorino tinha tudo para ser como seus pares narrativos. Mas é feliz, é contente, se refestela com o pouco que Deus lhe deu. Não reclama, tem fibra. É um Jó com uma mínima piedade (numa terra onde piedade religiosa é para os fracos e as mulheres). Trata todos em pé de igualdade e não recusa ajuda a ninguém. Um gênio, passa pouco tempo reclamando e muito tempo agindo. Não se preocupa nunca consigo mesmo, tirante talvez nos momentos em que devaneia na rede de fim de tarde. Não tem medo de morrer, como os Santos e Heróis não tinham. É um exemplo a todos nós.

Sentimo-nos impotentes perante a loucura da filha de José Amaro e de Olívia e de Ana e de Lula... José Lins do Rego sabe dolorosamente bem o poder de fogo da loucura. E como a loucura vai dominando aos poucos, suavemente, todos os que circunda, e destrói sua sanidade. A loucura é mais contagiosa que um vírus.

O engenho Santa Fé é abatido constantemente pela loucura. O desajuste evidente de D. Olívia (cujas falas se encaixam tão perfeitamente com os momentos de tensão das cenas literárias, não devendo nada aos mais trágicos coros gregos), penetra a mente do impotente e deslocado Lula, desafia a brava e submissa Amélia e

abraça suavemente a virginal Neném.

Na casa do mestre Amaro, a Loucura feita personagem tira suas esperanças e por fim domina o chefe da casa, pois que insânia não é o suicidar-se? É também essa musa dissimulada que canta pela boca do Negro Passarinho, fazendo na casa do seleiro o mesmo papel de coro grego para o particularíssimo drama abafado e amarelo-ovo do Mestre José Amaro.

Só o Capitão Vitorino não precisa de coro. Ele não vive um drama, ele vive um épico.

---

### **Nicolly Silva says**

4.5/5 - esse livro expressa o auge e o declínio do ciclo da cana no brasil pela ascensão e decadência do engenho do santa fé.

a leitura é fluida a ponto de te fazer mergulhar nas aflições dos personagens, todos marcados pela grande melancolia e desamparo trazidos pelos tempos de mudança.

---